

# Centro de Estudos Bahianos

---

---

FERNANDO DA ROCHA PERES

## OS FILHOS DE GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA

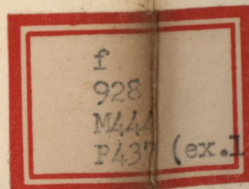
---

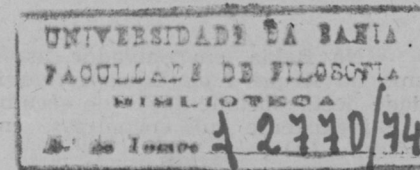
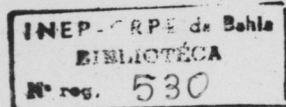
---

**PUBLICAÇÃO**  
**SALVADOR - BAHIA**

**64**

30 DE DEZEMBRO DE 1969





## OS FILHOS DE GREGÓRIO DE MATTOS E GUERRA

FERNANDO DA ROCHA PERES

Estamos escrevendo uma série de trabalhos — alguns já foram publicados, outros estão em fase de elaboração — com o objetivo de *rever* a «biografia» de Gregório de Mattos e Guerra, escrita por Manuel Pereira Rabelo, meio século depois da morte do poeta.

Depois que tivermos, tanto quanto possível, levantado *documentalmente* a vida obscura de G. M. G. pretendemos escrever a sua biografia. Por agora ficaremos nos detalhes, na sistematização do que já foi dito e na revelação de novos fatos.

Teria G. M. G. deixado filhos? Casado duas vezes, a primeira em Lisboa (1661) com D. Michaela de Andrade, a segunda na Bahia (antes de 1691) com Maria de Povos, as únicas notícias conhecidas sobre *filhos do poeta* estão registradas em Rabelo (1) quando refere-se a *Gonçalo de Mattos*, no próprio texto poético *apógrafo* de G. M. G. quando nomeia *Gonçalo*, *Gonçalinho*, e nos títulos dos poemas quando aparece um «seu filho».

Em Lisboa realizamos uma pesquisa (2), não muito exaustiva, em alguns dos inúmeros livros de batismo do *Arquivo dos Registos Paroquiais*, e nada encontramos.

(1) Da biografia de G. M. G. escrita por Manuel Pereira Rabelo, existem quatro versões impressas em: a) Mattos, Gregório de, *Obras Poéticas*. Vol. I: Sâtiaras. (Organizada por Alfredo do Vale Cabral). Rio. Tipografia Nacional. 1882; b) Mattos, Gregório de, *Obras*, I-Sacra. (Organizada por Afrânio Peixoto). Rio. Publicações da Academia Brasileira. 1929. Nesta edição aparece a *Vida e Morte do Doutor Gregório de Mattos Guerra / Escripção Pelo Licenciado Manuel Pereira Rabelo / E mais Apurada Depois Por Outro Engenho*; c) Matos, Gregório de, *Obras*. VI — Última. (Organizada por Afrânio Peixoto). Rio. Publicações da Academia Brasileira. 1933. Nesta edição vem publicada a *Vida do Grande Poeta Americano Gregório de Matos Guerra*, sem menção de autoria; d) Matos, Gregório de, *Obras Completas*. (Organizada por James Amado). Vol. VII. Bahia. Editora Janaina. 1968. Nesta nova edição das *obras apógrafas* de G. M. G. aparece divulgada uma *Vida do Excelente Poeta Lírico, o Doutor Gregório de Matos Guerra*.

(2) Como bolsista do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Na Bahia, em Salvador, as investigações nos livros de batismo do *Arquivo da Cúria* foram infrutíferas, pois a quase totalidade desta documentação do século XVII — não só os batistérios — é inexistente ou encontra-se em estado de conservação precaríssimo (3).

Com o intuito de sistematizar as referências sobre os filhos de G.M.G., relacionamos as fontes não primárias onde podem ser encontradas alusões: I) «biografia» do poeta escrita por Manuel Pereira Rabelo; II) texto poético *apógrafo* (impresso e manuscrito) de Gregório de Mattos e Guerra (4); III) títulos de poemas de G.M.G.

I) Diz Rabelo na «biografia»:

- a) «Agora direi, que deste matrimônio tiveram um filho, ao qual, em satisfação da sua promessa (que também fica referida) pôz o nome de Gonçalo de Mattos»; (5)
- b) «Deixou Gregório de Mattos um filho chamado Gonçalo de Mattos, cujo amor publica em várias obras suas, que em seus logares se verão»; (6)
- c) «Deixou o Doutor Gregório de Mattos, um filho de sua mulher Maria de Povos, chamado Gonçalo de Mattos, cujo amor publica em várias obras suas, o que em seus lugares verá». (7)

(3) O Prof. Joildo Lopes de Athayde que está realizando pesquisa com o acervo do *Arquivo da Cúria* (livros de batismo, óbito, etc.) tem encontrado enorme dificuldade com os documentos do Século XVII. A Universidade Federal da Bahia já entrou em entendimentos com as autoridades eclesiásticas para que seja contratado um restaurador com o objetivo de salvar as peças ainda existentes.

(4) G. M. G. não deixou livro publicado. Sua produção poética encontra-se espalhada em vários *códices manuscritos apógrafos*. A maioria destes *códices* está no Brasil e em Portugal. As edições impressas desta obra, em número de quatro, utilizaram os *códices* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e de bibliotecas particulares.

Sobre os *códices* existentes em Portugal publicamos um artigo intitulado "Gregório de Mattos e Guerra: os *apógrafos* em Portugal", *Ocidente*, n. 377, setembro, 1969. vol. LXXVII.

As edições da obra *apógrafo* de G. M. G. que consultamos estão elencadas em nossa nota n. 1 (vide), letras b, c, d.

O manuscrito *apógrafo* que usamos para este estudo é: *Obras do Douctor Gregorio de Mattos e Guerra*, Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa, Secção de Reservados, Coleção FG. Cota 3.576. Para citação neste trabalho, transcrevemos atualizando a grafia e mantendo a pontuação original dos poemas (trechos) e títulos deste *código* n. 3.576.

(5) Rabelo, Manuel Pereira, *Vida e Morte do Doutor Gregório de Mattos Guerra*, [etc]. (in *Obras de Gregório de Mattos*, I — Sacra.). Rio. Publicações da Academia Brasileira. 1929. p. 88.

(6) Rabelo, Manuel Pereira, *Vida do Grande Poeta Americano* [etc]. (in *Obras de Gregório de Mattos*, VI — Última). Rio. Publicações da Academia Brasileira. 1933. p. 91. Esta é a versão sem menção de autoria que aparece em *código* da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

(7) Rabelo, Manuel Pereira, *Vida do Excelente Poeta Lírico*, [etc.]. (in *Obras Completas de Gregório de Mattos*, Vol. VII). Bahia. Editora Janáina. 1968. p. 1719.

Como vemos em três versões da «biografia» de G. M. G. escrita por M. P. R., — não falemos no problema das variantes — aparece o nome de *Gonçalo de Mattos*.

II) Diz o texto poético *apógrafo* (impresso e manuscrito)

a) «Rezolvi-me, e levantei-me,  
Posto que o quente da cama  
Com Gonçalo, e com sua Ama,  
Dizendo estava: «Comei-me». (8)

a.1) «Resolvi-me, e levantei-me,  
pôsto que o quente da cama  
com Gonçalo, e com sua ama  
dizendo estava, comei-me:» (9)

a.2) «Resolvi-me e levantei-me  
com Gonçalo, e com sua ama,  
posto que o quente da cama,  
dizendo estava comei-me». (10)

b) «Mas ela me tem tal ódio,  
Que fugira até de ser  
Madrasta de Gonçalinho,  
Que é lindo enteado, à fé». (11)

b.1) «Mas ela me tem tal ódio,  
que fugirá té de ser  
madrasta do Gonçalinho,  
que é lindo enteado à fé». (12)

(8) Mattos, Gregório de, *Obras*. III — Graciosa. Rio. Publicações da Academia Brasileira. 1930. p. 198. Poema de n.º XXVI [Decimas, n.º 2, versos 1 ao 4], com o título "A uma jornada que fez o Autor ao Rio Vermelho com outros amigos, convidado pelo Coronel Domingos Borges de Barros".

(9) Mattos, Gregório de, *Obras Completas*. Bahia. Editora Janáina. 1968. Vol. III. p. 583. Decimas, a de n.º 2, versos 1 ao 4, com o título "DESCREVE O POETA HUMA JORNADA, QUE FEZ AO RIO VERMELHO COM HUNS AMIGOS, E TODOS OS ACONTECIMENTOS".

(10) Guerra, Gregório de Mattos e, *Obras do Douctor*. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota 3576. fol. 61. "Decimas", [a segunda], versos 1 ao 4, com o título "A uma jornada que fez o Autor ao Rio Vermelho com alguns amigos".

(11) Mattos, Gregório de, *Obras*. VI — Última. Rio. Publicações da Academia Brasileira. 1933. p. 320. Poema de n.º XIII, cujo título é: "A Eugênia e Maricota".

(12) Mattos, Gregório de, *Obras Completas*. Bahia. Editora Janáina. 1968. Vol. III. p. 747. "Romance", versos 29 a 32, cujo título é: "PEDE O POETA NESTA OBRA CONTA DO SEU PROCEDER A SUAS IRMAAS EUGENIA E MACOTTA".

f  
928  
M444  
P437

b.2) «Mas ela me tem tal odio,  
que fugirá até de ser  
madrasta de Gonçalinho  
que é lindo enteado à fé». (13)

c ) «Angola é terra de prêtos,  
mas por vida de Gonçalo,  
que o melhor do mundo é Angola,  
e o melhor de Angola os trapos». (14)

c.1 ) «Angola é terra de prêtos  
mas por vida de Gonçalo,  
que o melhor do mundo é Angola,  
e o melhor de Angola os trapos». (15)

d ) . . . . .  
. . . . .  
. . . . .

e nas comédias, que falo,  
como nas mais, que hão de haver,  
a muitos há de exceder  
sim por vida de Gonçalo». (16)

d.1) «. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

(13) Guerra, Gregório de Mattos e, *Obras do Douctor*. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota 3576. fol. 121. "Romance", versos 29 a 32, cujo título é: "A uma môça por nome Eugenia".

(14) Mattos, Gregório de, *Obras Completas*. Bahia. Editôra Janaina. 1968. Vol. VII. p. 1603. "Romance", versos 1 ao 4, cujo título é: DES-CREVE A HUM AMIGO DESDE AQUELLE DEGREDADO AS ALTERAÇÕES, E MISERIAS DAQUELLE REYNO DE ANGOLLA, E O QUE JUNTAMENTE LHE ACONTECEO COM OS SOLDADOS AMOTINADOS, QUE O LEVARAM PARA O CAMPO, E TIVERAM CONSIGO PARA OS ACONSELHAR NO MOTIM.

— Este poema não aparece na edição da Academia Brasileira. Sobre G. M. G. em Angola escrevemos um artigo para a revista *Afro-Asia*, n.º 6/7, no prelo, baseado em documentação do *Arquivo Histórico Ultramarino*, e na versão do poema publicado no códice ms. da B. N. L., Secção de Reservados, Coleção FG, Cota 3576 (vide notas números 4 e 15).

(15) Guerra, Gregório de Mattos e, *Obras do Douctor*. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota 3576. fol. 211 verso. "Romance", versos 1 ao 4, cujo título é: "Que fêz o Autor em Angola no levantamento dos soldados".

(16) Mattos, Gregório, *Obras Completas*. Bahia. Editôra Janaina. 1968. Vol. III. p. 618. "Décimas", a de n.º 7, versos 7 ao 10, cujo título é: "DESCREVE HUMAS COMEDIAS, QUE NA CAJAIBA FORAM REPRESENTADAS PELOS MESMOS OU PARTE DELLES COM OUTROS DA MESMA CONDIÇÃO". Este poema não aparece na edição da Academia Brasileira.

e nas comédias que falo  
como nas mais que hão de haver  
a muitos há de exceder  
sim por vida de Gonçalo» (17)

Em quatro poemas apógrafos de G.M.G. aparece citado o nome de *Gonçalo* e o diminutivo *Gonçalinho*, querendo o poeta, certamente, referir-se ao seu filho *Gonçalo de Mattos*.

III) Dizem os títulos dos poemas apógrafos de G. M. G.:

a) «Chora o Poeta a morte de um seo  
filho, de tenra idade; Soneto» (18)

b) «CHORA O POETA A MORTE DE HUM SEO  
FILHO, CUJO PEZAR DEO MOTIVO A PRI-  
MEYRA OBRA SACRA DESTE LIVRO; Soneto» (19)

c) «Que fêz o Autor chegando-lhe novas  
de que era morto seu filho; Soneto» (20)

d) «ESTANDO O POETA REFUGIADO DE SUA  
MESMA POBREZA NA ILHA DE MADRE  
DE DEOS, TEVE NOTICIA DA MORTE  
DE UM SEU FILHO, E QUE FORA  
ENTERRADO MISERAVELMENTE, E  
PROVOCADO DA SUA PENA, FEZ FESTAS;  
DÉCIMAS». (21)

(17) Guerra, Gregório de Mattos e, *Obras do Douctor*. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota 3576. fol. 84 verso. "Décimas" [a sétima], cujo título é: "A umas comédias que se fizeram no sítio de Santo Antonio, digo Sam Francisco".

(18) Mattos, Gregório de, *Obras*. II — Lyrica. Rio. Publicações da Academia Brasileira. 1923. p. 167.

(19) Mattos, Gregório de, *Obras Completas*. Bahia. Editôra Janaina. 1968. Vol. VI. p. 1550.

(20) Guerra, Gregório de Mattos e, *Obras do Douctor*. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota 3576. fol. 53.

(21) Mattos, Gregório de, *Obras Completas*. Bahia. Editôra Janaina. 1968. Vol. VI. p. 1545.

— Este poema na edição da Academia Brasileira (*Obras*. I. Sacra. p. 125) aparece com o título "Reflecte o poeta sobre a sua pobreza, para se conformar com a vontade divina".

— No Ms. da B. N. L. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota n. 3576, fol. 224 verso, o poema está com o título: "Que fêz o Autor a sua pobreza".

— Na edição das "Completas" de 68 (Vol. VI. p. 1549), aparece o Soneto: "AO MESMO ASSUMPTO E NA MESMA OCCASIAO", título que remete o leitor para as DECIMAS, ESTANDO O POETA REFUGIADO [etc.], TEVE NOTICIA DA MORTE DE UM SEU FILHO. Na edição da Academia Brasileira (*Obras*. I — Sacra. p. 94) o Soneto AO MESMO ASSUMPTO [etc.], vem com o título "Converte-se o poeta a Deus com piedosa resignação sobre a sua pobreza". No Ms. da B. N. L., Secção de Reservados, Coleção FG. Cota 3576, fol. 42 verso, o Soneto vem com o título: "Em arrependimento".

A titulação das produções apógrafas de G.M.G. — que para James Amado (22) foi realizada por Manuel Pereira Rabelo; em códice de sua lavra e propriedade — refere-se a um *filho do poeta* que teria morrido quando muito jovem, em «tenra idade». Para os títulos arrolados nas letras a, b e c, o *soneto* é aquê que começa com o quarteto:

«Querido filho meu, ditoso espírito,  
Que do corpo as prisões tens desatado,  
E por viver no céu tão descansado  
Me deixaste na terra tão aflito». (23)

Diante destas fontes secundárias levantadas podemos constatar: a) Gregório de Mattos e Guerra teve um filho chamado Gonçalo de Mattos; b) Gregório de Mattos e Guerra teve um outro filho falecido em «tenra idade». Esse filho não pode ser *Gonçalo*, pois êste sobrevive a G.M.G., como já vimos em Rabelo: «Deixou o Doutor Gregório de Matos, um filho de sua mulher Maria de Povos, .....».

É necessário esclarecer que em poema citado anteriormente, quando o poeta diz «..... fugirá té de ser / madrastra do Gonçalinho» (24), Maria de Povos era viva e casada com G.M.G. Estes versos, lidos isoladamente, poderão induzir ao contrário, mas acontece que G.M.G., mesmo casado, jamais deixou de versejar para outras mulheres. Ainda no poema acima referido, desejo de encontrar uma mulher de nome Babu, diz G.M.G.: «Porque pudera eu sair, / e acompanhá-la também, / Por todo êsse Tapagipe / a embruxar tôda a mulher. / A minha fora a primeira, / e morrendo de uma vez, / casara-me eu com Babu, / para ter cunhadas três». (25)

Como vemos o poeta imagina fazer *bruxarias* («embruxar») contra sua mulher (certamente Maria de Povos, pois aquê «a primeira» deve ser lido como *primeiramente*. Não é primeira mulher, no sentido de precedência no casamento, mas a primeira a ser *enfeitada*. Notamos também a presença do *topônimo Tapagipe* — e não Iararipe como quer James Amado na edição das «Completas» de 68 — que situa a ação do poema na Bahia.) para matá-la e casar-se com Babu. G.M.G. ficou somente na intenção de casar, pois presumimos que Maria de Povos, como o filho Gonçalo, sobrevive ao poeta.

(22) Amado, James, NOTAS A MARGEM DA EDITORAÇÃO DO TEXTO — II (in Obras Completas de Gregório de Mattos. Vol. VII). Bahia. Editora Janaina. p. 1738/1743.

(23) Guerra, Gregório de Mattos e, *Obras do Douctor*. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota 3576. fol. 53.

(24) Vide nota n. 13.

(25) Guerra, Gregório de Mattos e, *Obras do Douctor*. Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa. Secção de Reservados. Coleção FG. Cota 3576. fol. 120 verso e fol. 121. «Romance», versos 17 ao 20.

Sobre *Gonçalo* conta Rabelo (26), baseado em dois informantes contraditórios «sujeitos que se criaram com Gonçalo de Matos», dizendo um deles que êste filho de G.M.G. teria sido «Poeta natural» e o outro que «nem o Padre Nosso era capaz de repetir».

Rabelo não toma partido quanto ao talento de Gonçalo de Mattos, informando que «Deste môço, ....., correm notícias muito gerais, que totalmente degenerara daquela massa científica de seus progenitores», o que em outras palavras quer dizer: o jovem Mattos não era lá muito inteligente, e não teria herdado o talento do seu pai.

Poeta ou não, segundo os informantes, o fato é que Rabelo não deixa de citar o mote «Com que, por que, para que», o qual teria sido glosado por Gonçalo do seguinte modo:

#### GLOSA

«Disse Clori, que me amava  
para o intento, que tem,  
o qual não disse a ninguém,  
nem o porque declarava:  
eu então lhe perguntava  
Com que gênero de fé,  
suspensa a Dama se vê:  
como nada respondeu,  
não pude saber o seu  
com quê, porquê, para quê.» (27)

O informante de Rabelo relatou que teria dado êste mote para Gonçalo quando adolescente, o qual temendo a mãe, que não queria, certamente, outro *poeta endemoninhado* na família, pede ao amigo para pegar «na pena, porque a maldição de minha mãe parece que não me proíbe fazer versos, mas sim pegar na pena para os escrever». (28)

Conta também Rabelo que Maria de Povos tendo fugido de casa, por não mais suportar os desregramentos de G.M.G. foi obrigada a voltar acompanhada de um capitão do mato, como escrava fugida, e o seu filho passou a chamar-se Gonçalo, pois na casa do poeta «mais podia a galinha, que o galo». (29)

Em resumo isto é tudo que se sabe sobre êste filho de G.M.G., o qual nos parece, tendo em vista o número de vezes que vem citado no texto poético *apógrafo*, ter sido muito querido do poeta.

(26) Rabelo, Manoel Pereira, VIDA DO EXCELENTE POETA LIRICO [etc.] (in Obras Completas de Gregório de Mattos, Vol. VII). Bahia. Editora Janaina. 1968. p. 1719.

(27) Apud Rabelo. Vide op. cit. (nota anterior). p. 1720.

(28) Apud Rabelo. Vide op. cit. (nota n.º 26). p. 1720.

(29) Rabelo, Manuel Pereira, Vida e Morte [etc.] (in Obras de Gregório de Mattos. I — Sacra). Rio. Publicações da Academia Brasileira 1929. p. 70.

Infelizmente até agora não apareceram os registros de batismo destes dois filhos de G.M.G. Viúvo em Lisboa (30) no ano de 1678, e novamente casado na Bahia, o poeta só teria deixado dois filhos?

Não teria G.M.G. tido filhos com D. Michaela de Andrade, em Lisboa, do seu primeiro casamento? Segundo Rabelo, cujo relato «biográfico» deve ser lido com reservas, principalmente no trecho da vida de G.M.G. em Portugal, *Gonçalo de Mattos* teria sido «o primeiro filho que Deos lhe deu» (31), inferindo-se daí que só durante o segundo casamento teria o poeta procriado. Até prova em contrário poderemos aceitar como válida esta notícia do Rabelo, porém enganou-se redondamente o «biógrafo», sobre a fertilidade do poeta, de quem, segundo Araripe Júnior (32), «É pena que os documentos coevos sejam tão escassos a respeito das miudezas íntimas relativas à vida do poeta durante o tempo decorrido entre a sua formatura e o seu regresso ao Brasil».

Eis que aparece, *duzentos e noventa e seis anos depois*, uma das «miudezas íntimas»: *uma filha de Gregório de Mattos e Guerra*.

Graças ao genealogista Jorge de Moser a quem despertamos e deixamos em Portugal vivamente interessado nos assuntos gregorianos, foi descoberto no *Arquivo dos Registos Paroquiais, anexo do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Freguesia de São Sebastião da Pedreira, de Lisboa, Livro 2 de Baptismos, 1.ª Parte, fôlio 48 verso*, o assento de batismo de uma filha do poeta Gregório de Mattos e Guerra, que transcrevemos (33):

(no índice)

1674 Francisca. — de Gregório de Matos da Guera + — 48 v.º

(no texto)

ca  
fr /

Aos dezasete de Julho de mil e seis centos e setenta e quatro baptizej à Francisca filha de Gregório de Mattos da guerra (cazado) e de Lourença / Francisca, solteira, padrinhos Manoel Ferreira e / Francisca João /

João Daguarda munis /

(30) O óbito de D. Michaela de Andrade ocorreu aos sete de agosto de mil seiscentos e setenta e oito e encontra-se registado no *Arquivo dos Registos Paroquiais*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Freguesia do Santíssimo Sacramento, de Lisboa, Livro 2 de Óbitos. folios 70 verso e 71.

(31) Rabelo, Manuel Pereira, *VIDA E MORTE DO DOUTOR GREGÓRIO DE MATTOS GUERRA* [etc.]. (in *Obras de Gregório de Mattos*, I — Sacra.) Rio. Publicações da Academia. 1929. p. 70.

(32) Araripe Júnior, T. A, *Gregório de Mattos*. Rio. Garnier, 1910. p. 21.

(33) O Sr. Jorge de Moser forneceu-nos a transcrição deste documento, ressaltando que: “respeitou-se a ortografia do original, a pontuação e respectiva divisão linear. No índice, muito mais moderno do que o assento em causa, figura uma cruz, a seguir do nome de Gregório de Mattos da Guerra, que não sei que significado possa ter, visto ser caso único, em todo o índice”.

Devemos observar no assento acima transcrito que G.M.G. (não aparece o *Doutor*) tem esta filha natural de nome Francisca, com Lourença Francisca, mãe «solteira», sendo o poeta «cazado», ainda em 1674. G.M.G. só vai ficar viúvo de D. Michaela em 1678, como já foi dito anteriormente.

Presumimos que *Lourença Francisca*, já que o documento não indica a origem social da mãe, seria uma escrava ou alforriada, uma negra, uma preta, uma mulata, uma crioula, uma parda, uma trigueira, uma morena (34), uma mulher de sangue mouro, entre tantas com quem o poeta desde adolescente na Bahia (35) e em Coimbra (36) aprendeu a dormir, sendo na poesia brasileira o seu *verdadeiro amador*. Lourença também podia ter sido uma campônêsa, uma *tricana*, uma serva, uma pobre rapariga branca, destas que chegavam (e ainda chegam) na metrópole para ganhar a vida.

Depois desta notícia *absolutamente inédita*, resta ver como dois autores que escrevem sobre G.M.G., escolhidos dentre inúmeros, focalizam a questão dos filhos: a) José Veríssimo (37), diz: «É certo que entre os seus poemas alguns há à sua futura mulher e à morte de seus filhos».; b) Segismundo Spina (38) diz: «Teve deste consórcio um filho, Gonçalo, que, como todos os descendentes dos grandes homens, ficou obumbrado pelas sombras da impopularidade».

Estes escritores traçam um perfil de G.M.G. baseados na *estória* do Rabelo, e referem-se ao casamento do poeta com Maria de Povos. José Veríssimo tendo lido a edição Vale Cabral (39) e os manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, não fala em Gonçalo de Mattos, mas em «seus filhos». Segismundo Spina, autor do verbete sobre G.M.G. no *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira* (40), no qual já omite alusão a filhos do poeta, refere-se a um Gonçalo «obumbrado», sem falar em filho no plural.

(34) Estes são vários eufemismos ou expressões atenuantes empregados para designar as pessoas negras. Na obra poética *apógrafa* de G. M. G. encontramos todos eles. Sobre o assunto escrevemos umas notas intituladas *Negros e Mulatos em Gregório de Mattos*, Afro-Asia n.º 4-5., Revista do Centro de Estudos Afro Orientais da UFBA., 1967.

(35) Tendo nascido em 1636 e partido para Portugal em 1650, viveu na Bahia até os quatorze anos. Estas datas estão conforme: Peres, Fernando da Rocha, *Gregório de Mattos e Guerra: seu primeiro casamento*. Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia. n.º 1 Set/Dezembro. 1968.

(36) Matrícula em 12 de Dezembro de 1652 (INSTITUTA — Tom. 11. Liv. 1.º. Fls. 51 verso. *Arquivo da Universidade de Coimbra*), com dezesseis anos.

(37) Veríssimo, José, *História da Literatura Brasileira*. Rio. José Olympio. 1969. p. 61.

(38) Spina, Segismundo. *Gregório de Mattos*, S. Paulo. Editora Assunção. sdp. p. 9.

(39) Mattos, Gregório de, *Obras Poéticas*, (Organizada por Alfredo do Vale Cabral). Vol. I. Sátiras. Rio. Tipografia Nacional. 1882.

(40) *Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira*. (Organizado e dirigido por José Paulo Paes e Massaud Moisés). São Paulo. Cultrix. 1967.

Concluindo podemos dizer que, depois de feita a sistematização pretendida e de apresentado o *documento inédito* sobre G.M.G., o poeta baiano, casando duas vezes, não teve filhos com sua primeira mulher (até prova em contrário), tendo um filho do segundo casamento, por nome Gonçalo, com Maria de Povos. Em Lisboa, no ano de 1674, foi batizada uma filha natural do poeta, feita em mulher solteira, na constância do seu primeiro casamento. O fato é que não só no Brasil, mas também em Portugal, lançou o poeta a semente dos «Mattos da Bahia». A verdade é que não só na cidade do Salvador da Bahia de Todos os Santos, mas também em Lisboa, o poeta encontra ambiente para exercitar a sua libidc, quem sabe colaborando nos dois países para o processo de miscigenação.

É na Bahia, devido ao «aconchego lubrico», ao fenomeno da «obnubilação», que Araripe Júnior (41) diz «gerou-se uma raça de mestiços, eloquente, risonante, apaixonada e um tanto cheia de paradoxos nos costumes, a qual, mestiça no sangue, por sua vez encarregou-se de mestiçar as idéias, os sentimentos e até a política dos brancos dominadores da terra». E pergunta Araripe Júnior (42): «De onde procede o *capadocismo* bahiano senão deste híbrido regaço?» Aproveitando o *estereótipo* criado por Araripe Júnior, José Veríssimo (43) vai dizer que «Gregório de Matos é a mais perfeita e mais ilustre expressão desse tipo essencialmente nacional, do qual foi e continua a ser a Bahia a fecunda progenitora, o capadócio».

«Progenitora» uma ova! Esquece José Veríssimo que linhas atrás, no seu trabalho, fala em «indisciplina geral da sociedade portuguesa», no século XVII, especialmente na Universidade, local aonde G.M.G. teria aprendido a *capadoçagem*, conforme fica bem claro com Mario Brandão e M. Lopes d'Almeida (44), quando historiam a vida estudantil de Coimbra: «Esta irregularidade da frequência escolar corria parrelhas com as turbulências provocadas pelos estudantes na cidade, que se agrupavam para cometer os maiores excessos cuja repressão teve de ser violenta e tenaz. Em 1648, 1656 e 1671, várias provisões tentaram expungir os escândalos originados pela vida ociosa e libertina dos estudantes, ....»: Em 1656 G.M.G. ainda era *estudante* em Coimbra, tendo ingressado em 1652, e em 1671 já em Lisboa vamos encontrá-lo como Juiz do Cível (45).

---

(41) Araújo Júnior, T. A. — Op. cit. p. 46/47.

(42) Araripe Júnior, T. A. — Op. cit. p. 47.

(43) Veríssimo, José. — Op. cit. p. 63.

(44) Brandão, Mario et D'Almeida, M. Lopes — *A Universidade de Coimbra; Esboço de sua História*. Coimbra. 1937. Parte II — A Universidade de 1580 a 1937 (Lopes D'Almeida). p. 53.

(45) Sobre a vida de G. M. G. em Portugal apresentamos uma Comunicação ao I — *Festival do Barroco* na Universidade Federal da Bahia, em 1968. Esta comunicação com o título de *Documentos Para uma Biografia de Gregório de Mattos e Guerra* será publicada no n.º 2 da Revista de Cultura da Universidade Federal da Bahia.

PUBLICAÇÕES DO CENTRO DE ESTUDOS BAHIANOS

2.<sup>a</sup> Série

- 45 — LULU PAROLA E OS ACONTECIMENTOS DE 1891 — JOSÉ CALASANS — *Esgotado*
- 46 — BAHIA, 1842 — AFFONSO RUY
- 47 — UM MANUSCRITO RARO (Holandeses na Bahia em 1638). — LUIZ MONTEIRO DA COSTA.
- 48 — TRADIÇÕES COMERCIAIS DA BAHIA NO PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX — DEOLINDO AMORIM — *Esgotado*
- 49 — A BAHIA NO LIVRO DO SARGENTO-MOR — Livro que dá Razão ao Brasil — 1612) — DIOGO DE CAMPOS MORENO (Anotado pelo Prof. HÉLIO VIANA)
- 50 — D. RAIMUNDA PORCINA DE JESUS (A Chapadista). ANFRISIA SANTIAGO
- 51 — UM DEPOIMENTO PARA A HISTÓRIA — ALOÍSIO DE CARVALHO FILHO
- 52 — A RELAÇÃO DA BAHIA — (Contribuição para a História Judiciária da Bahia) — AFFONSO RUY
- 53 — CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ARTES BRASILEIRAS (Quatro Artistas Baianos) — ANTÔNIO ALVES COELHO
- 54 — COELHO NETTO, NA BAHIA — ALOÍSIO DE CARVALHO FILHO
- 55 — XISTO BAHIA — Símbolo do Teatro baiano — (Uma tentativa biográfica) — AFFONSO RUY
- 56 — NOTÍCIAS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO — JOSÉ CALAZANS
- 57 — CAMARAJIPE E LAGOA ABAITÉ — FREDERICO EDELWEISS
- 58 — BIBLIOGRAFIA DE E SÓBRE XAVIER MARQUES — DAVID SALES
- 59 — ACHEGAS CRONOLÓGICAS PARA A HISTÓRIA DO FAROL NO FORTE DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA — FREDERICO G. EDELWEISS
- 60 — O VISCONDE DO RIO BRANCO — PAULO PEDREIRA DE CERQUEIRA
- 61 — CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ARTES BRASILEIRAS (Quatro Artistas Baianos) — ANTÔNIO ALVES COELHO — II
- 62 — JUAREZ TAVORA NA BAHIA — JOSÉ CALASANS
- 63 — O COMENDADOR ANTÔNIO FRANCISCO DE LACERDA E A EVOLUÇÃO DOS TRANSPORTES URBANOS NA CIDADE DO SALVADOR FILINTO ELYSIO DO R. BARRETO